



CMUHE021019

FARJALLAT, Célia Siqueira.
Campinas, 15 jun., 2001.

Lampião de gás. Correio Popular,

BATE-PAPO

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT



Lampião de gás

Não alcancei o tempo em que os lampiões de gás alumiam ruas e salas. Que pena! Conheci-os pelas crônicas antigas, pelos desenhos, pelas canções populares, como a entoada por Inezita Barroso: "Lampião de gás, lampião de gás, quantas saudades você me traz!" Bem, para ser exata, confesso que na roça, as casas ainda são iluminadas por lampiões à querosene, que deixam no ar fumaça e cheiro forte. Mas, a luz é fraca e trêmula, mal dando para ler e costurar um pouco, e emprestando a tudo o ar de outros tempos.

Sei que as cidades antigas eram iluminadas pelas estrelas e pelo luar. Tudo muito romântico, mas propício a brigas, assaltos e algazarras. Mas, que não se culpe apenas a falta de iluminação pela violência. Há causas bem mais intensas, hoje em dia, que este sistema antigo parece querer voltar.

Sabe-se que até 1870, Campinas vivia às escuras. Suas ruas desertas recebiam iluminação primitiva, e apenas algumas lanternas de velas despontavam aqui e ali, em alguns pontos da cidade. Quem o garante é o jovem historiador Duílio Batistoni Filho, em seu livro: "Campinas, Uma Visão Histórica."

Nem os candeeiros eram acesos em noites de luar, garante-nos ele. Não era preciso, porque, conforme as posturas policiais, ao toque de recolher da Cadeia Velha, às dez horas, ninguém poderia estar fora de casa, a não ser com licença especial da polícia ou autorização para buscar um médico.

Outra exceção: festas populares. Então, grandes fogueiras eram acesas no Largo de Santa Cruz ou da Matriz Velha, que hoje é a Basílica do Carmo. Em casos especiais, a Câmara Municipal armava as luminárias, que eram arcos de madeira, que sustentavam lamparinas de azeite, em vidros coloridos. A luz era fraca, naturalmente.

José de Castro Mendes, que foi cronista do Correio, registra em sua *Efemérides Campineiras* que, em 7 de setembro de 1871 foram inaugurados dois lampiões de querosene na rua das Campinas Velhas (atual Moraes Sales), custeados pelo padre Souza e Oliveira e por José Pedro Santana Gomes, e mais seis lampiões no Largo da Matriz de Santa Cruz, por iniciativa de Carlos Bressane, Bento Quirino e Francisco Glicério.

Abril de 1886, dia 4. Na Estação da Companhia Paulista de Estrada de Ferro realizam-se experiências com luz elétrica, fornecida por um dínamo. Em maio de 1896, inaugura-se a iluminação a gás no bairro do Guanabara, e somente em 10 de dezembro de 1898, a Casa Livro Azul começa a ser iluminada pela eletricidade.

E por aí vai o nosso José de Castro Mendes anotando os melhoramentos da cidade: a Companhia de Iluminação à Gás transformou-se em Companhia Campineira de Tração, Luz e Força. Quem poderia imaginar que no século XXI, as cidades ainda lutassem pela iluminação porque as autoridades não desenvolveram usinas em quantidade e potência suficientes?

Este recuo é inacreditável. Mas, pode acontecer. E voltaremos aos lampiões de gás, aos acendedores de lampiões de décadas passadas!

Célia Siqueira Farjallat, cronista do Correio, escreve nesta página às segundas, quartas, quintas e sextas